



Slanvy e Tamara Souza: as irmãs viram no artesanato uma fonte de renda

A relação com os trabalhos manuais vem de família. “A minha avó paterna era artesã, fazia crochê, tricô, tapeçaria, pintura. Eu cresci vendo ela crochecendo tapetes enormes e tricotando roupas para os netos, mas quando eu era criança não tinha interesse em ficar sentadinha mexendo com linhas”, diz. “Eu fui perceber a importância do saber manual só depois de adulta mesmo, tanto na saúde mental, porque é bom demais para a autoestima, como modo de vida, pois pode ser uma fonte de renda”, reflete.

Aprendeu a técnica sozinha, pela internet: “O bordado eu aprendi assistindo a vídeos no YouTube, depois fazendo cursos on-line bem organizados, com uma boa didática, com passo a passo para projetos específicos. Depois, eu fui adaptando para o que eu queria bordar, para o meu estilo e, assim, acabei desenvolvendo o meu próprio”, reflete.

Para Roberta, o bordado ocupa um lugar especial no imaginário das pessoas. “Isso diz muito sobre a posição do bordado no mundo do consumo de produtos, porque é algo que as pessoas consideram muito especial, tão especial que dificilmente alguém encomenda um bordado para si próprio, é sempre para presentear, porque veem como um objeto de luxo, carregado de emoção, que traz consigo uma mensagem para além do produto”, destaca.

Uma única obra pode consumir quase uma semana de trabalho. “Para criar uma ilustração bordada, eu levo cerca de cinco dias de trabalho só bordando esse desenho. Quando eu faço a mesma ilustração, só que digital, em um tablet ou no computador, eu levo algumas poucas horas”, compara. Ainda assim, nem sempre esse tempo é percebido: “O tempo que uma peça demora para ser feita não necessariamente vai ser reconhecido como um fator que agrega valor, a não ser que fique muito óbvio, por meio do nível de detalhe e de refinamento, que o produto levou muito tempo para ser feito”, diz.

Hoje, Roberta trabalha principalmente com bordado realista em duas modalidades. O fineline é como se fosse uma ilustração de nanquim no papel, só que usando tecido como base e a linha de costura como tinta. Na pintura de agulha, a artesã usa muitas cores de linha para criar uma imagem realista com sombra, luz e volume. “É como se estivesse pintando um quadro, mas, no caso, o meu pincel é uma agulha”, explica.

Uma comunidade entre novels

Quando decidiu mudar completamente de carreira, Viviane Rodrigues não imaginava que o hobby que a acompanhava depois do expediente se transformaria em um ponto de encontro para centenas de pessoas em Brasília. “Sempre gostei de trabalho manual. Era jornalista, cobria política e economia e costurava como hobby. Até que tive um burnout e resolvi mudar o rumo da minha vida profissional”, lembra.

Fotos: Arquivo pessoal



Viviane Rodrigues, que comanda a Casa da Vivi, com um colete de tricô

Depois de pedir demissão, mudou-se para os Estados Unidos, onde conheceu um conceito que mudaria seus planos: “Morei três anos em Washington DC, e lá conheci um conceito novo para mim, o das LYS, as local yarn shops. Era algo que lembrava os nossos tradicionais armazinhos, mas com uma carinha de boutique e uma curadoria mais cuidadosa dos fios e produtos”, conta.

Ao voltar, a decisão já estava tomada: abriu a Casa da Vivi, loja inaugurada em 2019. A pandemia acelerou o negócio. “Naquele momento, muitas pessoas se interessaram por aprender tricô, crochê ou costura”, justifica. “Passei a oferecer cursos e produtos on-line e, assim, conquistei novos clientes. Tenho orgulho disso, pois sei que as manualidades ajudaram muitas mulheres a atravessarem aquela fase difícil de tanta ansiedade e incertezas”, relata.

Viviane percebeu que as pessoas buscavam pertencimento. “Entendi que o que as pessoas queriam eram formar comunidades e desejavam pertencimento. O manual é perfeito para isso”, reforça. Hoje, a loja atende públicos variados: “Atendemos desde idosas até crianças e adolescentes. Aos sábados de manhã, por exemplo, temos uma turma de crochê apenas para jovens. É uma maravilha ver o que essas meninas produzem”, diz.

Para ela, há uma satisfação que nenhuma tela reproduz. “Os processos são lentos e, ao terminar as peças, há o prazer incomparável de poder dizer: ‘foi feito por mim’”, afirma. E a ciência confirma os benefícios: “Falando especificamente do tricô, que é minha especialidade, podemos afirmar que os movimentos repetitivos dos pontos coordenados com a leitura atenta das receitas ajudam a manter o cérebro em uma atividade saudável. Há uma espécie de meditação ativa, em que atenção, foco, concentração e relaxamento caminham juntos”, explica.



Roberta Ferreira Barros aprendeu a bordar por vídeos na internet